XXVII Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología. VIII Jornadas de Sociología de la Universidad de Buenos Aires. Asociación Latinoamericana de Sociología, Buenos Aires, 2009.

A HERANÇA PATRIARCAL DE DOMINAÇÃO MASCULINA EM QUESTÃO.

Simone Cabral Marinho dos Santos y Ana Maria Morais Costa.

Cita:

Simone Cabral Marinho dos Santos y Ana Maria Morais Costa (2009). *A HERANÇA PATRIARCAL DE DOMINAÇÃO MASCULINA EM QUESTÃO. XXVII Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología. VIII Jornadas de Sociología de la Universidad de Buenos Aires. Asociación Latinoamericana de Sociología, Buenos Aires.*

Dirección estable: https://www.aacademica.org/000-062/816

Acta Académica es un proyecto académico sin fines de lucro enmarcado en la iniciativa de acceso abierto*. Acta Académica fue creado para facilitar a investigadores de todo el mundo el compartir su producción académica. Para crear un perfil gratuitamente o acceder a otros trabajos visite: https://www.aacademica.org*.

A HERANÇA PATRIARCAL DE DOMINAÇÃO MASCULINA EM QUESTÃO

Autora: Simone Cabral Marinho dos Santos[1]
Co- autora: Ana Maria Morais Costa[2]

Introdução

Ao longo do tempo, o padrão de dominação masculina tem contribuído para a reprodução de estereótipos do papel secundário e marginal da mulher na sociedade. Os modelos tradicionais de relações de gênero colocaram as mulheres no papel de frágil e submissa, e os homens de sexo forte, dominador e viril. É o domínio masculino que prevalece no campo do discurso, da linguagem e na determinação das formas de estar e ser mulher.

É um processo de imposição quase irresistível às mulheres, que se fortalece do seu reconhecimento e aceitação. Como diz Bourdieu (1999, p. 07-08), é um processo por excelência de subordinação, resultante daquilo que ele chama de violência simbólica. Não uma violência física, mas uma violência subjetiva, suave, invisível às suas próprias vítimas, que é exercida, principalmente, pelas vias simbólicas da comunicação e do conhecimento e pela aceitação por elas mesmas da dominação masculina. Essas relações desiguais fundadas nas diferenças entre os sexos e no modo de dar significado às relações de poder é o que Scott (1990) define por gênero.

Esses padrões de gênero predominantes pensam e fazem do homem o mais forte, o mais responsável, o mais inteligente e, por isso, o mais capacitado e habilitado para funções ditas "superiores", que se justificam pela condição e posição social que ocupam no espaço público. À mulher, cabem as funções "inferiores", reservadas ao espaço da casa, como o cuidado com os filhos e o lar. Ao homem é destinada a conquista do espaço público; à mulher, o espaço privado, dela por natureza. Sob essa perspectiva, o homem é a figura de poder e a referência das relações sociais de submissão da mulher à esfera privada. O homem viril, macho, forte e inflexível é construído socialmente, em detrimento da mulher frágil, doce, delicada e flexível. O discurso predominante sobre os modos de ser masculino e feminino é, pois, construído com a intenção de subordinar a mulher e desvalorizar a esfera do feminino.

Essa visão é herança da sociedade patriarcal, onde o trabalho doméstico, de domínio privado, era tarefa não só exclusiva, mas já naturalizada. A mulher, filha ou esposa, não tinha controle do seu próprio corpo ou sua vida. Ao casar, seu corpo era propriedade do marido, para seu desfrute e procriação dos filhos. É somente na sociedade moderna urbana-industrial que o modelo masculino patriarcal é mais amplamente questionado, em razão das transformações políticas, econômicas e sociais.

---

[1] Professora do Departamento de Educação da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte –UERN/Brasil. Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio Grande do Norte –UFRN/Brasil. E-MAIL: simone.cms@hotmail.com; simonecabral@uern.br

[2] Professora do Departamento de Ciências Sociais da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte –UERN/Brasil. Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio Grande do Norte –UFRN/Brasil. E-MAIL: anamorais@uern.br

O trabalho fora de casa e a luta pela igualdade no âmbito da produção traduzem-se em bandeiras de luta para a plena emancipação das mulheres trabalhadoras. As mulheres pouco a pouco foram conquistando seus direitos civis e ocupando o espaço público, antigo domínio dos homens. A emancipação feminina inverte os valores sociais tradicionais e põe em cheque o papel do homem. A ascensão feminina ao espaço público torna-se uma ameaça à identidade de macho dominador e a sua posição de poder hegemônico é posta em questão.

A desintegração do controle masculino sobre o feminino não é resultante apenas da redefinição do papel da mulher na sociedade atual. Mas tem a ver também com as transformações históricas ocorridas que põem em questão o mito da masculinidade em razão de uma nova forma de definição de ser homem, pautada em conflitos no âmbito da subjetividade e da intimidade. A todo momento, o homem tem que provar a sua masculinidade, que se manifesta, principalmente, por atos de violência.

Mas é exatamente o fardo do ideal de masculinidade o responsável pela fragilização masculina, como diz Trevisan (1998). Perguntamos então: É a dominação o que de fato define ser homem? E o que dizer do homem que também chora, demonstra sentimentos e estado de medo? A partir de tais questões, tentaremos reunir neste texto elementos que possam contribuir para uma reflexão sobre o ideal masculino construído sob a égide supostamente inabalável do arquétipo masculino dominador.

I- A Herança patriarcal: a virilidade como prova da dominação masculina

No mundo Ocidental, mesmo naqueles países que defendem os direitos universais de homens e mulheres, persiste a dualidade desigual dos sexos. Não só o modelo de oposição, mas o modelo de igualdade (a mulher é igual ao homem) entre os gêneros reafirma a superioridade do homem sobre a mulher, porque ele é sempre referência (BADINTER, 1993, p. 08). Do regime patriarcal, sobrou às mulheres a condição subalterna de ficar na retaguarda dos homens. Ser homem e ser mulher é mais uma hierarquia social, pela qual o homem – o ser perfeito – continua a ser critério de comparação com a mulher – o ser menos perfeito (BADINTER, 1993, p. 09).

Ainda que nos desliguemos da visão naturalista dos gêneros em função da construção social, longe do determinismo biológico, o feminino e o masculino encontram-se enraizados pela cultura machista e patriarcal, marcada pela virilidade sexual. O modelo tradicional masculino requer do homem frieza, insensibilidade, altivez, opressão, poder, força, virilidade, enfim, o que representa superioridade física e intelectual. Desde cedo são educados, inclusive pelas mulheres, para se tornarem agressivos, competitivos, provedores e intolerantes com a manifestação de sentimentos e emoções. Há certo temor de serem rotulados como “fracos”, caso manifestem algum comportamento que lembre o campo emotivo feminino.

O primado masculino organiza-se de tal forma que as instituições reproduzem as diferenças entre os gêneros. A educação viril masculina não é reproduzida apenas na esfera doméstica, mas na família, na igreja, na escola e no Estado, segundo Bourdieu (1999, p. 103-105). Na análise que Bourdieu (1999) faz da sociedade Cabila, na Argélia (palco das suas pesquisas sobre a dominação masculina), o masculino impõe-se e constrói espaços diferenciados de oposição ao feminino. A ordem social das coisas e das atividades organiza-se a partir da oposição entre o masculino e o feminino (BOURDIEU, 1999). Do lado masculino, temos o direito, o seco, o fora, o branco, o dia, o alto etc. Do lado feminino, em contrapartida, o esquerdo, o úmido, o dentro, o preto, a noite, o baixo etc. O lado masculino lembra superioridade, clareza, independência, privilégio; enquanto o feminino, inferioridade, fraqueza e sombriedade.

A sociedade é organizada verticalmente segundo o primado da masculinidade. Logo os homens são instruídos aos "jogos de dominação" – lugar de privilégios dos homens reproduzirem sobre as mulheres a ideologia dominante masculina. As mulheres, ao contrário, são educadas para serem incapazes de compreender esses jogos masculinizados, voltados para a esfera pública, porque a elas é reservado o espaço privado (BOURDIEU, 1999).

Construída primeiramente dentro de si, mas em função de outros homens e em oposição ao feminino, a virilidade masculina está no campo relacional. Certas formas de coragem são testadas em situação de afirmação de sua virilidade, por medo de perder a estima do grupo, de ser chamado de "fraco", "delicado", "mulherzinha", "veado". Essas categorias são utilizadas para desqualificar o feminino e o homossexual masculino, o qual, por sua vez, representa um afrontamento à condição de macho do homem viril. Mesmo porque ser homem basta. Não há discussão. Impõe-se sob a forma de ser evidente por si mesmo, na forma de pensar, agir, comportar-se a partir de disposições supostamente naturalizadas ao nascer homem (BOURDIEU, 1999). Em outras palavras, a virilidade não é um dom, é fabricada de acordo com um referencial idealizado de ser homem (BADINTER, 1993).

As idéias de Bourdieu (1999) ajudam-nos a refletir, atualmente, a perspectiva que coloca a divisão entre os sexos como se fosse naturalizada, uma vez vista na ordem das coisas, das atividades, das ações, segundo a oposição entre o masculino e o feminino. Como sistema dessa homologação temos: alto/baixo; grande/pequeno; aberto/fechado, como mencionado anteriormente. São sistemas de imposição social inevitáveis aos indivíduos. São esquemas práticos os de comunicação, pensamento e ação impossíveis de relativização que constroem as disposições duráveis de homens e mulheres, o *habitus* (BOURDIEU, 2007).

Esse *habitus* tão inerente aos indivíduos é quem determina o padrão de comportamento social. Daí a dificuldade de afirmação da subjetividade masculina, longe das interdições da cultura patriarcal, que redefine a sua condição de macho sem medos e frustrações. Uma vez estabelecidos os códigos sociais, o rompimento com o ideal masculino de mutilador do seu lado afetivo, representaria o que se tem chamado de crise da masculinidade? Com essa provocação, passamos a refletir sobre o reconhecimento que o homem tem de si, do seu lugar no mundo e o dos estereótipos impostos a ele, socialmente.

II- A Crise da masculinidade

O movimento feminista de emancipação da mulher, ao questionar o ideal de homem viril, contribuiu para o abalo da identidade dominante masculina, expressando a sua rejeição à coerção e ao controle da sociedade patriarcal. Além disso, influenciou na mudança do comportamento sexual e desenvolvimento da sexualidade entre os sexos, nos padrões de família, na dinâmica de relacionamentos amorosos, por exemplo. Mas, como afirma Giddens (1993), é com as possibilidades de transformação da intimidade que há condições reais de democratização da vida pessoal.

Isso acontece em razão da intimidade passar de uma exigência emocional opressora, para ser considerada uma negociação de vínculos pessoais estabelecidos de forma igualitária e de total domínio e autonomia interpessoal. À medida que o controle masculino sobre a mulher vem se desintegrando, o que tem provocado ainda mais reação de violência às mulheres, em particular, mais se tornam os homens vulneráveis e o modelo de masculinidade acaba cada vez mais questionado.

Giddens (1993) afirma que os padrões e hábitos preexistentes da vida de uma pessoa são continuamente reelaborados, em função da *descontinuidade* da realidade social, implicando em escolhas de estilo de vida, abrindo-se perspectivas para uma transformação nas disposições e regras predominantes da sexualidade fálica. Giddens (1993) chama, então, a atenção para a emergência de uma *sexualidade plástica*, liberta das necessidades de reprodução, laços de parentesco e da reprodução, mas de domínio do eu, da personalidade e do desenvolvimento da sexualidade, sem distinção e sobreposição de sexos.

É exatamente no rompimento da determinação sexual da cultura em que o homem exerce o seu poder hegemônico que se instaura a crise da masculinidade ou a crise do poder do macho, como diz Trevisan (1998). Pois, "sentindo-se culpado ante a crescente recusa dos valores masculinos 'eternos', aos quais estava acostumado, esse homem desestruturado sofre de indolência, desamparo e abulia" (TREVISAN, 1998, p. 25). Afinal, a sociedade foi sempre dita e pensada no masculino.

Mas a crise da masculinidade não é produto da contemporaneidade, embora encontre, nesse momento, mais adeptos e oportunidades provocadores dessa discussão. Segundo Badinter (1993), teve início entre os séculos XVII e XVIII, na França e na Inglaterra. Foram as francesas as primeiras a questionarem o papel do homem. A cultura falocêntrica, baseada na dominação da sexualidade fálica, não respondia aos conflitos e tensões gerados numa sociedade, continuamente ocupada por mulheres.

O modo natural de submissão feminina, que a fazia inclinar-se, abaixar-se, curvar-se e submeter-se ao homem, cedeu lugar às mudanças de papéis que valorizam o campo feminino. Os séculos XIX e XX protagonizaram uma mulher ativa, independente, escolarizada e reivindicadora dos direitos civis e políticos, diferentemente daquela mulher doce, passiva e frágil, construída em oposição e negação ao masculino.

Mas é nesse momento que se gesta uma nova subjetividade masculina, possibilitando uma reflexão do homem sobre si mesmo, implicando, assim, em um processo de estranhamento, pois o homem poucas vezes precisou fazer perguntas sobre si mesmo e o seu papel na sociedade. O homem idealizado como ser viril, agressivo, aquele que precisa conquistar várias mulheres e não importar-se com os sentimentos, é desmistificado. O homem é vítima da representação de sua dominação: a virilidade. Ele tem que estar a toda hora "provando que é homem", através da demonstração de força, violência e virilidade.

A masculinidade é testada e avaliada por outros homens, que o qualificam como viril ou não (BOURDIEU, 1999). Muito cedo o menino é incentivado a manifestar a sua virilidade e provar que é macho. A ida aos bordéis, a presença exclusivamente masculina nas guerras, a homofobia, o envolvimento em atos de violência, principalmente em mulheres, por exemplo, são circunstâncias de provas de masculinidade. Acusações como: "prove que você é homem!" é um desafio que o ser masculino enfrenta permanentemente (BADINTER, 1993, p. 04). A todo momento ele tem que se mostrar para os outros como machão, corajoso, para não ser ridicularizado nem tampouco inferiorizado, caso seja apontado como efeminado ou *gay*.

Ao contrário da menina, cuja passagem para a feminilidade é natural, marcada pela primeira menstruação, sem necessidade de provas, a conquista da masculinidade pelo menino não parece natural. A posse do *falo* não lhe garante a aquisição definitiva da masculinidade. A isso, somam-se os dilemas e preocupações da vigilância masculina, como o tamanho do pênis e a impotência sexual.

Na busca desesperada pela afirmação da masculinidade, procura declarar a sua independência ao feminino. Distancia-se da qualidade de homem comunicador dos seus sentimentos e emoções, pensando estar se livrando do estigma de "homem efeminado"

ou “homem mole”. A paternidade parece ser um exemplo emblemático nos casos em que a identidade do Pai é construída por um homem severo e inflexível.

Romper com a sensibilidade controlada e a intimidação das suas emoções e sentimentos, sem medo de ser reprimido, é o grande desafio para a construção de nova masculinidade, quando, desde cedo, o homem aprende a controlar as sua emoções. Aprender a não chorar é uma delas (BENTO, 1999). O choro é uma das principais proibições na educação masculina. Basta fazermos menção ao rótulo de advertência: “Homem não chora!”.

Mesmo diante de uma transição entre uma representação de homem construída pelo modelo patriarcal e outra relativizada, as categorias feminino e masculino continuam norteadoras para a compreensão das relações de gênero (NOLASCO, 1995). Assim, a compreensão de um homem distanciado daquele identificado por sua agressividade e virilidade não significa uma reversão de papéis: mulheres racionais, homens afetuosos.

Para Badinter (1993), a figura do “machão” está em vias de desaparecer, apesar da de Jablonski (1993) criticar esse “otimismo ingênuo” da autora, pois a cultura falocêntrica ainda persiste e tem função norteadora para comportamentos, ações e atitudes de homens e mulheres. Mas não podemos deixar de considerar, sobretudo, que homens e mulheres têm procurado oportunizar a manifestação de suas emoções, desejos, reivindicações e ocupação de espaços, até então negados, seja no público, seja no privado.

Um “novo homem” e uma “nova mulher” são anunciados. A mulher é destituída da condição exclusiva do espaço privado, porque é dela também o espaço público. Quanto ao homem, este procura um reposicionamento da sua condição masculina, através da reestruturação da sua subjetividade, o que tem contribuído para o surgimento de uma nova masculinidade, ou mesmo, outras masculinidades em vias de composição do universo pluralizado das relações de gênero.

III- Conclusão

A crise da masculinidade veio questionar o modelo patriarcal de dominação masculina baseado na identidade sexual viril. As mudanças proclamadas pelo movimento feminista redefiniram os papéis femininos e, consequentemente, os masculinos. Os homens começaram a desmistificar os valores sociais de imposição, para atribuir significado às novas formas de ser e de viver que os libertem do medo e dos constrangimentos impostos pela sociedade e que lhes dessem, sobretudo, novas possibilidades de interação com o feminino.

Apesar das conquistas e ocupação dos vários espaços ditos masculinos pelas mulheres, Bourdieu (1999) não vê saída para o rompimento da dominação masculina, porque as próprias mudanças para o feminino obedecem sempre à lógica do modelo tradicional do masculino sobre o feminino: os homens continuam a predominar no espaço público e na área de poder, na medida em que as mulheres, no espaço privado. E mais: para as mulheres, é incompatível a vida pública com a vida privada, pois o sucesso de um é sempre motivado pela renúncia do outro. Portanto, a estrutura da dominação masculina é o princípio da relação de dominação e subordinação que faz a mulher ser conivente e reconhecedora (BOURDIEU, 1999).

Mas, no dizer de Trevisan (1998), a centralização e a vigilância permanentes no masculino resultaram na sua própria fragilização. Ao ser questionado o modelo de padrões de gênero que determina a dominação masculina, como algo inerente e natural

ao homem, rompe-se com as amarras da cultural patriarcal de supressão das subjetividades masculinas.

A redefinição da condição de mulher desmistifica o ideal feminino de 'sexo frágil', transferindo-o para o patamar de desenvolvimento de sua potencialidade física e intelectual. O campo profissional foi e é o lugar privilegiado de valorização feminina, o que não significa dizer que as conquistas alcançadas pelo movimento feminista tenham se reduzido ao campo social e político. Essas conquistas redefiniram o âmbito privado das relações interpessoais e familiares.

As mudanças nos papéis femininos e masculinos estão contribuindo para que a mulher conquiste novos espaços, e os homens aprendam a falar dos seus sentimentos e a expor seus problemas afetivos, sem culpa. Na realidade, já percebemos que há uma coexistência entre o modelo tradicional de homem "macho", violento e opressor, e novos modelos de masculinidades pautados na sensibilidade, companheirismo, afetividade.

Estamos vivenciando um momento caracterizado por conflitos, crises e disputas, por homens e mulheres que querem traçar seus caminhos de forma livre e autônoma. A relação entre gêneros é uma construção historicamente e culturalmente produzida, inventada, legitimada e institucionalizada. A forma e a vivência da masculinidade são diferentes em cada sociedade, em cada época. Seja qual for o lugar, seja qual for o momento, há modos de pensar, ver e dizer a masculinidade e a feminilidade. Os espaços devem ser conquistados e ocupados por homens e mulheres, sem que antes sejam preliminarmente definidos como masculinos ou femininos.

Referências

BADINTER, Elizabeth**. XY: Sobre a identidade masculina.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

BENTO, Berenice Alves de Melo. A (re) construção da identidade masculina. **Revista de Ciências Humanas.** Florianópolis, n. 26, p. 33-50, out. 1999.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

_____. **O poder simbólico**. Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

GIDDENS, Anthony. **A transformação da intimidade**: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas. São Paulo: Editora UNESP, 1993.

JABLONSKI, Bernardo. **A difícil extinção do boçalossauro**. In: NOLASCO, Sócrates. Org.). A desconstrução do masculino. Rio de Janeiro: Roço, 1995.

JUNG, M. Sung; SILVA, Josué Candido da. **Conversando sobre ética e sociedade.** Petrópolis-RJ: Vozes, 1997.

NOLASCO, Sócrates. **A desconstrução do masculino**: uma contribuição crítica à análise de gênero. In: _____.(Org.). A desconstrução do masculino. Rio de Janeiro: Roço, 1995.

SCOTT, Joan Wallach. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade.** Porto Alegre, n. 02, p. 5-22, jul/dez. 1990.

TREVISAN, João Silvério. **Seis balas num buraco só**: a crise do masculino. Rio de Janeiro: Record, 1998.